

# COSTA RICA 2008

com a Rotas do Vento

Chegámos a S.José e lá estavam no aeroporto à nossa espera, o *transfer* (sem ar condicionado) e a representante da agência de turismo local que nos acompanhou até ao hotel para entregar toda a documentação - vouchers para os *transfers*, hotéis e *lodges*, entradas nos parques e actividades, bem como explicar-nos como tudo funcionava e falar um pouco sobre as questões de segurança.

A empresa utiliza protocolos de segurança perfeitamente estabelecidos, portanto um acidente que necessite evacuação, uma mordidela de víbora, de uma coral ou outro problema será rapidamente sanado.

Em S.José decidimos jantar no restaurante argentino de carnes grelhadas, mesmo em frente do hotel; tive plena consciência que sozinho, à noite e acompanhado por 2 mulheres com *jetleg*, não faria 2 quartos sem sermos completamente depenados, depois de 11 horas fechado num avião onde não cabia sequer uma mosca, com um *catering* para esquecer, uma carniinha vermelha Argentina na grelha, era um objectivo reconfortante.

Na manhã seguinte saímos do hotel em S.José acompanhados pelo Hartmut (um alemão convertido às belezas da Costa Rica) tomando uma carreira regular em direcção a Guapiles; aí sairíamos num misto de estação de camionagem, junto com um supermercado e um posto de câmbios.

Comprámos *bananos* (as nossas bananas) e *platanos* (uma versão gigante das bananas cortadas às rodelas e fritas como as nossas batatas) para a viagem e algumas *botellas* de vinho tinto chileno para vencer o choque cultural, no posto de câmbios trocaríamos para colons 300USD cada um (1USD = 500 colon em Maio de 2008), no entanto, o importante era ter notas relativamente pequenas para as frequentes gorjetas.

A partir daí deslocámo-nos numa *Van* com ar condicionado .... à abertura das janelas, visitando a ciberloja do filho do condutor, dando depois boleia à filha que entretanto por lá aparece e que gostava muito de fazer um estágio em Portugal, pouco depois acabaria a estrada de alcatrão e entraríamos numa outra de terra batida mas forrada de um "macio" seixo rolado que nos deixou num estado miserável após uns 30 km de massagem contínua, mais tarde, algures no meio do campo um alpendre de madeira, onde uns locais conversavam junto a um estreito braço de rio, estacionava um básico fibra de vidro grosseiramente modelado, mas com um motor Suzuki a 4 tempos de 110CV, era La Pavona; cada assento estava munido de um poncho, pois que chuva lá por aqueles lados quando cai é a sério. Tralhas carregadas e "pata-a-fundo" (algunha de uma amiga que andava sempre a assapar), *el capitan* acelerava por entre o arvoredor, curva e contra curva, mas como quem vai no Tejo a direito, cruzando alguns canais mais largos, voltaríamos aos estreitos e eis que do lado esquerdo temos a estação biológica Canadiana e do lado direito um ancoradouro onde o nosso barco atraca.

## CAÑO PALMA /Tortuguero (na costa das Caraíbas, alguns Kms abaixo da Barra del Colorado)

Segue-se uma passadeira em cimento que dá acesso a todo o *lodge* e que no outro extremo nos despeja na praia Atlântica! Numa clareira dentro da floresta desenvolvem-se as construções do *lodge*, os nossos bungalows, amplos, com ar condicionado, duas grandes janelas, muita água quente e fria para usar, muitas tomadas para o vaporizador anti-mosquito, carregar telemóveis e baterias das máquinas fotográficas, a recepção, a sala das refeições, aberta para o mundo e para a piscina, as zonas de descanso com redes penduradas a pedir uma sesta, o bar, etc.

Pensão completa, uma comida bastante razoável, pelo menos a cozinheira Nicaraguense esforçava-se por nos agradar. Água, sumos, leite, café, fruta, manteiga, doce, fiambre e *gallo pinto* ([http://en.wikipedia.org/wiki/Cuisine\\_of\\_Costa\\_Rica](http://en.wikipedia.org/wiki/Cuisine_of_Costa_Rica)) logo para começar o dia.

Na época em que fomos (fim da estação seca, 18Abr-2Mai) tínhamos o *lodge* por nossa conta, portanto, uma tranquilidade extrema, só mesmo os ruídos da natureza, maioritariamente o rugir dos macacos *Howler* a começar às 5 da manhã e dos *Montezuma's Oropendolas* ([http://en.wikipedia.org/wiki/Montezuma\\_Oropendola](http://en.wikipedia.org/wiki/Montezuma_Oropendola)), uns pássaros granditos que fazem uns ninhos tipo saco pendurados nas ramas altas das árvores.

O macacos *Howler* ([http://en.wikipedia.org/wiki/Howler\\_monkey](http://en.wikipedia.org/wiki/Howler_monkey)), os maiores que por lá vimos, passavam o dia a dormir com uma grande “moca”, pois a sua alimentação é constituída por folhas altamente tóxicas e alucinogénicas.

Durante o dia o programa era à vontade do freguês, desde pagaiar no canal tropical de águas castanhas e espessas, onde aqui e ali víamos bicharada, desde caimões bebés até aos seus grandes progenitores, lontras, que às vezes não víamos, mas ouvíamos banqueteadando-se com algum peixe caçado, enquanto os macacos aranha ([http://en.wikipedia.org/wiki/Spider\\_monkey](http://en.wikipedia.org/wiki/Spider_monkey)) (<http://images.google.pt/images?q=spider+monkey&hl=pt-PT&um=1&ie=UTF-8&sa=X&oi=images&ct=title>) nos acompanhavam saltando de árvore para árvore, frequentemente voando sobre as nossas cabeças de uma margem para a outra; dado os capitães dos fibra de vidro terem costela de “Fangio” (Juan Manuel Fangio, automobilista Argentino), era prudente estar permanentemente de ouvido alerta para nos colocarmos a salvo quando apareciam na curva, de tal modo que cheguei a ficar encalhado, preso pelo fundo da canoa em cima de troncos parcialmente submersos, quando fui empurrado por uma onda à sua passagem; depois foi uma “obra de gaita” tirar de lá a canoa sem irmos ao banho! (a água é castanha, opaca, espessa, para além de incluir o catálogo completo dos protozoários, amebas e bactérias de um país tropical ... provavelmente é exagero ...)

Para além de vaguear pelo *lodge* e áreas circundantes, floresta, praia ou de tomar uns banhos na piscina com a água quente, subimos ao cerro do Tortuguero, verdadeira escalada por dentro da selva, “jungla” como dizia o nosso guia e amigo Hartmut, onde vimos as célebres rãs *blue jeans* (*granular poison-arrow frog*) ([http://en.wikipedia.org/wiki/Dendrobates\\_granuliferus](http://en.wikipedia.org/wiki/Dendrobates_granuliferus)), pequenas e vermelhas salpicadas de pintas azuis ou com a parte traseira azulada, daí o seu nome, animais utilizados pelos índios para envenenar as setas com que caçam. Também encontramos estranhos insectos tipo louva-a-deus, perfeitamente camuflados, uma espécie de gafanhotos negros com umas aplicações de um laranja avermelhado, muitas plantas interessantes e bonitas, desde a lindíssima rosa-de-porcelana (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Etlingera>), a uma outra que os índios esfregam na pele para evitar serem mordidos pelos mosquitos, a uma árvore que dava uns frutos carnudos chamados guanábanas (<http://en.wikipedia.org/wiki/Soursop>), uma espécie de anona, mas muito maiores (2,5 kg cada uma), muito mais saborosos e sumarentos.

Também fizemos alguns passeios de barco a motor, num dos quais visitámos Tortuguero, onde caminhámos na praia, indo sempre atentos pelo caminho à passarada - garças, martim-pescador (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guarda-rios>), corvos-marinhos e num dos canais mais estreitos uma ninhada de “jacs” só mesmo com os olhos e uma ponta da cauda fora de água. Noutra manhã fomos de barco pelos canais tropicais até à lagoa nº.4, onde vive uma família abastada (em termos dos índios da Costa Rica!) que se dedicava à exploração dos coqueiros, claro está, que experimentámos com sua licença a água de coco até ficarmos enjoados, passeámos pela praia (continuação da do *lodge*), sendo brindados com uma chuvada tropical, curta e grossa. Pelo caminho parámos no meio do canal para observar um tronco caído no rio, como que espetado nos sedimentos e onde na parte abrigada estavam alinhados pequenos morcegos perfeitamente camuflados.

Várias vezes ao andar de canoa ou barco, estacionámos quase ao lado do ancoradouro para lançar isco à água (bolachas de água e sal do pequeno-almoço que esmigalhávamos), pois por ali andaria um jac; o caimão nunca se viu, mas uma garça verde chegou-se a nós, não para comer as migalhas, mas para pescar, pois mal se lançavam as bolachas, apareciam tipo estrelas cadentes vindos do fundo escuro, uns pequenos peixes de aspecto estranho, tanto quanto se conseguiram ver, para as comerem... !

Uma noite também decidimos passear pela praia na esperança de alguma tartaruga vir enterrar os ovos, fora de época, pois quando estivemos na lagoa nº.4 disseram-nos que nessa noite teria aparecido uma. A rapaziada do Centro de Investigação Canadiano, faz várias “rondas” nocturnas e alguma diurna, procurando alguma tartaruga a enterrar os seus ovos; por forma a não interferir e protegê-los, deixam a tartaruga enterrá-los na praia, após o que esta entra numa espécie de alucinação, aí desenterram-nos e voltam a enterrá-los noutra local da praia, camuflando as sua marcas por forma a que os nativos não os descubram e façam umas excelentes omeletas, que para além de afrodisíacas são do tipo do Viagra...

Várias espécies de tartarugas por lá aparecem, de referir as *olive Ridley* com os seus 75 cm ([http://en.wikipedia.org/wiki/Olive\\_Ridley](http://en.wikipedia.org/wiki/Olive_Ridley) ), a tartaruga marinha verde ( [http://en.wikipedia.org/wiki/Green\\_turtle](http://en.wikipedia.org/wiki/Green_turtle) ) e a gigante *leatherback* que pode atingir 185 cm e 700 kg de peso, que mergulha até 1.200 m ([http://en.wikipedia.org/wiki/Leatherback\\_Sea\\_Turtle](http://en.wikipedia.org/wiki/Leatherback_Sea_Turtle) ). A povoação de Tortuguero que integra uma reserva biológica enche-se de turistas (tipo a marina de Vilamoura em Agosto !) na época em que as tartarugas chegam à praia para enterrar os seus ovos durante a noite.

Um local maravilhoso que dificilmente será esquecido por todas as razões, muito pela simpatia e amizade do Hartmut, que diz, desculpem-me as outras nacionalidades, que os Portugueses são os seus clientes preferidos, está sempre tudo bem, são alegres e frontais, não complicam, quer faça sol ou chuva “tá-se bem” !

Daqui voltámos de barco para La Pavona, novamente *transfer* para Guapiles e camioneta até Puerto Viejo de Sarapiquí onde nos esperava um *transfer* com o motor ligado e ar condicionado a funcionar.

## **LAGUNA DEL LAGARTO /Boca Tapada** (Norte junto à fronteira com a Nicarágua, mas do lado da Barra del Colorado)

Aqui nos levou o *transfer*, os tais 30 kms depois do fim do mundo, atravessando os campos de cultivo da banana e dos ananases. Também foi explicado o facto dos cachos das bananas estarem envoltos em sacos de plástico azul perfurado, solução adoptada depois de ao atirarem os anteriores sacos amarelos aos rios que os conduziam ao mares e aparecerem muitíssimas tartarugas asfixiadas; os azuis, para além de perfurados e criarem um adequado microclima para o desenvolvimentos das bananas, também estão impregnados em insecticida. Dizem-nos que as plantações dos ananases empobrecem muitíssimo os terrenos. Mais à frente começámos a ver umas plantações que logo me pareceram da muito famosa matéria prima dos "charros", mas o nosso condutor esclareceu que se tratava de uma leguminosa, inhame, que comeríamos mais tarde, nas saladas das refeições do *lodge*.

O *lodge* era fabuloso, no cimo de um monte com duas lagoas na parte baixa do acesso, a fileira de quartos onde ficámos tinha um excelente alpendre com vista para uma das lagoas, nas árvores circundantes podíamos ver bandos de papagaios. À chegada fomos ajudados pelo cozinheiro, um refugiado Nicaraguense, extremamente simpático e prestável, mais à tardinha descobriríamos que cozinha excelentemente. Os quartos tinham redes nas janelas, umas persianas de madeira e uma ventoinha de tecto para melhorar a temperatura.

Na outra construção de madeira onde tomávamos as refeições, não havia como nas Caraíbas janelas, tinha tecto e à volta era tudo aberto. Na árvore em frente e nos arbustos laterais colocavam cachos de bananas e papaias para a passarada aí ficar mesmo à mão de semear para a reportagem fotográfica, conviria no entanto, uma boa "tele" e a preciosa ajuda de um tripé (como a tal boa tele custou uma pipa de "massa" e pesava 1,6Kg, ficou, estupidamente, em Cascais ... mas estou arrependidíssimo !). Desde tucanos, oropendolas, papagaios, uns pequenos pássaros pretos e vermelhos, tudo víamos enquanto tomávamos as refeições, até uma verde e gorda iguana foi buscar uns pedaços de papaia que tinham caído no chão; durante a refeição notava-se perfeitamente a hierarquia das aves - maior tamanho, maior bico, acesso prioritário à comida.

Aqui tivemos uns maravilhosos jantares e pequenos almoços, solicitaríamos um *brunch* para almoço. Muita fruta, sumos à descrição, tudo fantástico.

Na 1ª. noite o guarda e guia do *lodge* apresentou-nos a uma numerosa família de caimões com quem falava em alemão (o *lodge* é de um alemão, 99% dos clientes também ... pena que fumassem que nem uns animais, apesar dos avisos), traduzia depois para espanhol para nós entendermos; os bichos acudiam ao seu chamamento saindo da água das lagoas para comer uns pedacitos de frango que este lhes atirava; dado o meu entusiasmo fotográfico e o ver-se mal (estava escuro como o breu ... e eu tinha-me esquecido de retirar a tampa da lente ...) aproximei-me demais da grande fêmea e esta desinteressou-se do frango e caminhou entusiasmada na minha direcção... tive que me por ao fresco, para não acabar sendo o seu prato principal.

Segundo nos contaram, o alemão dono do *lodge*, quando chegou à Costa Rica comprou todos aqueles terrenos perto de Boca Tapada, entre o rio S.Carlos e o rio S.Juan com a intenção de fazer criação de gado, daí começar com a desflorestação, mas arrependeu-se, construiu o *lodge* e deu emprego a um refugiado Nicaraguense que o ajudou nesta tarefa, mais tarde, levou-o para a Alemanha onde lhe proporcionou um curso de cozinha, voltando como cozinheiro desta unidade turística.

No dia seguinte fomos com um dos guias do *lodge* percorrer a floresta tropical, onde vimos macacos aranha, um pica-pau, formigas bomba (capazes de matar com a sua picada, pois são frequentes os choques anafilácticos que provocam) e depois de muito procurar por debaixo das folhas (com cuidado, pois apesar de não termos visto, cobras venenosas é mato) encontrámos uma muito nervosa rã preta com manchas verde fluorescente (*dendrobates auratus*) (<http://www.pumilio.com/images/pictures/crauratus2.jpg>), igualmente imprópria para consumo. De seguida fomos com ele ver o jardim do *lodge* onde nos mostrou o que era o palmito (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Palmito>), a erva príncipe (<http://en.wikipedia.org/wiki/Cymbopogon>) (o nosso amigo Paco gosta muito da utilizar nos seus cozinhados gourmet), deu-nos a provar o tronco de uma árvore - a árvore da canela e muitas outras. Terminámos junto à lagoa 1, a que bordeia o sopé do monte do *lodge*, onde descobriríamos o lagarto que caminha sobre a água, o basilisco (<http://www.zoo.org/factsheets/basilisk/greenCrestedBasilisk.html>) e voltámos a encontrar semi-submerso algum jac.

Tentámos à tarde andar de canoa na lagoa 2, mas estava muita assoreada com troncos, pouca água e pouco transparente, os barcos de pouca confiança, pelo que decidimos não correr riscos, os caimões andam por todo o lado e sua dentição é impressionante.

Na manhã seguinte o mesmo *transfer* veio-nos recolher e transportar para La Fortuna. Durante o caminho conversámos sobre a falta de planos para visitas locais, e assim mostraram-nos uns folhetos de actividades promovidas pela empresa que prestava o serviço de *transfer*, decidindo que antes de nos deixarem no hotel passaríamos pela agência e veríamos em detalhe as actividades que nos conviriam.

## LA FORTUNA /Arenal (vila na base do vulcão activo Arenal)

Aqui chegámos perto da hora do almoço e escolhemos um programa para a tarde que incluía uma deslocação e percurso na floresta tropical, seguido de tentativa de avistar as lavas do vulcão Arenal e para terminar, estadia num hotel SPA com muitas piscinas de água quente de origem vulcânica incluindo um jantar *buffet* e *transfer* de volta ao hotel pela módica quantia de \$54, uma pechincha!

O hotel era bastante agradável, os quartos com acesso através de uma galeria exterior, tinham uma boa casa de banho, ventoinha e ar condicionado, junto à entrada uma sala com café e um computador com acesso à Internet sem quaisquer custos. Depois de nos instalarmos almoçámos num “chiringuito” no centro da vila.

Foram-nos buscar ao hotel, levaram-nos para a base do vulcão e por aí andámos pela floresta avistando outras espécies de tucanos, outros pássaros de que não me recordo o nome, os habituais macacos aranha e Howler; já à noite fomos de *transfer* rodear a montanha onde nos colocámos junto a um rio para tentar ver a lava a ser lançada e escorrer pelo vulcão abaixo, mas estava uma intensa névoa sobre o Arenal e pouco se viu, distraímos-nos no entanto, a ver os outros turistas de calçãozinho e T-shirt a ser comidos vivos pelos mosquitos, nós com roupinha comprida, com tratamento anti-mosquito e com um creme à base de *Deet* (mas a formula eficaz que usa o exército americano) na cara, pescoço rezávamos para que a névoa nos desse um grande plano da lava, em vão, claro!

Seguiu-se o trajecto até ao 1º. hotel, o mais caro e conhecido - Tabacon, onde parece que os turistas têm sido aliviados de carteiras e câmaras enquanto se banham, depois o nosso, o **Baldi Hot Springs** (<http://www.arenal.net/baldi-hot-springs.htm>), que não tinha as piscinas naturais de água quente no rio Tabacon, mas artificiais com água igualmente de nascentes quentes pela actividade vulcânica da zona entre 36 e 48°C, um espaço muito bonito integrado com vegetação, quedas de água, piscinas com bar no meio, outras com camas de pedra onde nos podíamos deitar enquanto nos demolhávamos. Na recepção dos balneários deixámos as mochilas e roupa, os valores ficaram nuns cacifos alugados de que só nós tínhamos a chave. O jantar, um fabuloso *buffet* de comidas, acompanhamentos, bebidas, entradas, sobremesas, tudo à descrição, a que se seguiu o regresso ao nosso hotel, mesmo no centro de La Fortuna.

No dia seguinte de manhã um excelente pequeno-almoço junto à piscina e depois chegou o *transfer* para a zona de Guanacaste. Ainda enquanto circundávamos o vulcão parámos para tirar umas fotografias, mais à frente outra vez, mas para ver uma colónia muita activa de macacos aranha nas árvores junto à estrada, contornaríamos o grande lago do Arenal; este lago artificial, é uma excelente zona para a prática de *windsurf* e a sua central hidroeléctrica produz a maioria da energia consumida em toda a Costa Rica. Dado o tempo que leva a percorrer as distâncias na Costa Rica, tivemos que parar para almoçar num local conhecido pelo nosso condutor, que tem garantido uma refeição à borla, já que lá leva muitos clientes.

**HACIENDA GUACHIPILÍN /Guanacaste** (aproximamo-nos das praias frequentadas pelos gringos, lá para o lado do Pacífico)

Mais uma vez depois de uns 30 miseráveis Kms depois do fim do mundo e de “comer” bastante pó, (circulavam uns enormes camiões carregados de terra nesse caminho seco e poeirento), chegámos a um rancho de criadores de gado e cavalos perto da base do vulcão Rincón de la Vieja, que apesar de não cuspir lava resulta em muitas manifestações vulcânicas nos arredores do sopé da montanha, desde fumarolas, lagos de enxofre borbulhante, afloramentos de água em ebulição, de tal forma que estão a construir um complexo geotérmico para produção de electricidade a partir desta intensa actividade.

A quinta excelente em termos de infra-estrutura, a zona dos quartos muito bonita e ajardinada em redor, a piscina junto à recepção também agradável, o serviço muito lento, descoordenado e ineficaz, a mão de obra não é especializada, formação “népias” e os ordenados miseráveis, portanto não há milagres! Aqui a Internet custa caro cada 30mn, pagos à cabeça e mal descobrem que passou o tempo cortamos a ligação sem mais, esteja-se a fazer o que estiver. Refeições bastante agradáveis, é claro que se defendem, servem galináceos e poupam na vaquinha, o que não se entende pois é uma das suas produções; sempre muitas saladas cruas, à confiança (sem gastroenterite incluída), sumos e fruta.

O dia a seguir ao da chegada incluía um programa radical, começando logo de manhã um percurso de slide com muitas secções, por entre a floresta ou sobre o desfiladeiro de um estreito rio, seguindo-se a descida de outro rio numa espécie de bóias individuais; dado o caudal estar fraco, quando não havia rápidos, tínhamos que pagaiar com as mãos e pés para conseguir avançar, na época das chuvas colocam cabos a atravessar o rio para os clientes se agarrarem e pararem para se reorganizar. No programa do rio encontramos uma família mexicana bastante simpática que queriam que falássemos em Português, já que eles arquitectos, tinham estado no projecto de construção do centro comercial Cascais Villa.

A seguir ao almoço, passeio a cavalo até a uma lindíssima cascata (a descida e subida foi a pé) onde poderíamos dar uns mergulhos, tivéssemos nós nessa disposição, terminámos depois a estacionar as nossas montadas num SPA no meio de nada, onde começámos por abrir os poros numa sauna, pincelando-nos de seguida com lama extraída de um afloramento borbulhante da actividade periférica do vulcão, mesmo ali junto a nós, depois secámos numas espreguiçadeiras de madeira ao sol, retirámos depois de secos a lama, nos chuveiros contíguos e fomos por um caminho por entre a vegetação até duas piscinas de água lamacenta do vulcão, bem quentinhas, fazer os acabamentos do tratamento, terminando, passando-nos por água limpa. O regresso seria nas habituais camionetas de passageiros (muito velhas) que vemos nos filmes americanos a transportar as crianças para a escola, mas como esta tardasse e os mexicanos quisessem voltar nos nossos cavalos, nós regressámos no seu *transfer* particular com ar condicionado.

No dia seguinte o *transfer* seria à hora de almoço, mas tínhamos entradas para o Parque Nacional do Vulcão de Rincón de La Vieja e pouco tempo, assim contratámos transporte pela manhã até à entrada do Parque, onde fizemos um percurso pela floresta e pelos afloramentos vulcânicos, tempo para subir ao vulcão (1.900m) já não houve, com muita pena nossa.

Foi excelente este passeio no Parque, já que a paisagem é bastante variada, muita fauna e as fumarolas, lagos de lama, caminhar sobre a terra quente é uma experiência diferente do habitual *trekking* na montanha.

À hora de almoço estávamos de volta ao rancho, prontos para o *transfer* nos levar ao destino seguinte – Monteverde.

**MONTEVERDE /Sta.Elena** (pode-se dizer que do lado do Arenal mas voltado para a costa do Pacífico)

Mais uns Kms, que apesar de não serem demasiados tardam sempre bastante dada a qualidade das vias, claro está que se inclui em todos os destinos uns 30kms finais de massagens ao corpinho.

Aqui o (*eco*)*lodge* – **Arco Íris**, era uma maravilha, apesar de ser dentro da povoação parecia que estávamos fora, as casas com uma decoração, qualidade, estado de conservação excelentes e o pequeno almoço, todo ele constituído por produtos de produção própria ou de produtores locais que seguem métodos biológicos de produção.

Depois de chegarmos decidimos ir ver o *ranário*, para onde nos deslocámos a pé. A vila está cheia de estrangeiros jovens, mal trajados, meio *hippies* sentados pelo passeio, nos bares e nas suas esplanadas. Este é um dos sítios em que nas suas Reservas decorrem estágios para universitários, onde também vêm voluntários assumir tarefas de conservação da natureza, mesmo fazer de guias naturalistas.

No *ranário* (um jardim zoológico de rãs) vimos todas aquelas rãs de que tanto se fala nos livros sobre a Costa Rica, com explicações de um jovem biólogo americano, que pretendia publicar um livro sobre as rãs e com o dinheiro obtido comprar um terreno onde as rãs pudessem viver ao ar livre e as pudesse continuar a estudar.

O jantar foi num restaurante, num 1º andar da rua principal, comida bastante bem confeccionada e apresentada, sendo que se tornaram muito simpáticos e prestáveis quando souberam que éramos Portugueses.

No dia seguinte ao da chegada, cumprimos o programa que estava incluído, isto é, fazer um percurso no bosque cruzando várias e em muitos casos, longas pontes metálicas sobre as copas das árvores (*Skywalk*), uma perspectiva interessante para observação da natureza; incluído estava também ver um parque ao ar livre, cheio de beija-flores ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Colibri\\_\(q%C3%A9nero\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Colibri_(q%C3%A9nero))) de diversas espécies, zunindo à volta, como se de insectos se tratassem, para beber uma mistura de água com açúcar colocada nuns bebedouros.

Como com cobras, víboras, serpentes e outros rastejantes do tipo não nos cruzámos, decidimos ir ver o *serpentário*, mas nada de especial, meia dúzia de víboras e uma boa constritora, assim como que num ambiente decrépito, estando os animais pontualmente meio escondidos; como os vidros tinham algumas decorações, não foram grande coisa as fotos que tirei.

Aproveitámos e fomos ver uma grande nave onde têm borboletas lindíssimas de centenas de espécies, não esquecendo as mais emblemáticas – a *morphos comum* ([http://en.wikipedia.org/wiki/Morpho\\_\(butterfly\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Morpho_(butterfly))) e a *owl* ([http://en.wikipedia.org/wiki/Owl\\_butterflies](http://en.wikipedia.org/wiki/Owl_butterflies)); dado que à noite arrefece bastante, estávamos a mais de 1.000 metros de altitude, os casulos são retirados dos arbustos e colocados dentro de uns armários com umas lâmpadas que aquecem o ambiente, por forma a facilitar o sucesso do processo de transformação/nascimento, de que vimos vários casos.

Todas as visitas que contratámos não foram demasiado baratas (à volta de \$10) e já não tivemos tempo para o emocionante e melhor *slide* (*Canopy*) de toda a Costa Rica, mesmo ali no mesmo empreendimento – Selvatur; só um dos troços tem 600m seguidos por cima da copa das árvores, portanto bem acima do solo, só ouvíamos os clientes a gritar e o ruído da roldana a correr pelo cabo de aço quando percorríamos o bosque.

À hora de almoço estávamos outra vez de mala aviada a caminho de Quepos/Manuel António.

Pararíamos para comer alguma coisa junto à ponte sobre o rio Tárcoles, de onde vimos uma grande colónia de crocodilos americanos, alguns com cerca de 5 m de comprimento, de tal forma que os grandes caimões com os seus porventura 2,7 m pareciam os seus filhos em idade escolar. Parece que fazem uns programas de demonstração com os crocodilos, em que um suposto tratador (de crocodilos selvagens) se aproxima e lhes dá uns franguitos para abrir o apetite.

Com a criação da Reserva Biológica de Carara, a população destes *Crocodylus acatus* aumentou fortemente, estimando em que por cada milha de rio existam entre 80 a 240 destes grandes animais ! O rio Tárcoles é a principal zona de alimentação de aves residentes e migratórias e um importante refúgio e zona de reprodução de mamíferos e répteis.

## MANUEL ANTÓNIO /Quepos (agora mais para sul e mesmo na Costa do Pacífico)

Depois de atravessarmos Quepos seguimos na direcção de Manuel António, ficando num hotel no meio de um vale orientado para mar, com os quartos com ar condicionado “plantados” por diferentes sucalcos e totalmente envolvidos pela vegetação.

As refeições não foram de todo baratas e o “gerente”, rapazola convencido (provavelmente filho de algum americano anónimo que por lá fez férias), tentou sempre aldrabar-nos, no sentido de nos fazer gastar mais dinheiro e de tentar ser ele a receber a possível gorjeta; aquele estilo pegajoso e muito solícito, mas que não inspira confiança. Valeu-nos o empregado, filho da cozinheira pela sua natural simpatia e eficiência, um verdadeiro *Tico*.

À volta da recepção e do restaurante andava por entre as ramas das árvores uma família de macacos esquilos ([http://en.wikipedia.org/wiki/Squirrel\\_monkey](http://en.wikipedia.org/wiki/Squirrel_monkey)).

A piscina era boa, com vista para os socalcos onde ficavam os outros apartamentos; tenho pena dos clientes que venham com muita carga e lhes saia um quarto lá mais para baixo, o nosso foi mesmo no 1º. socalco, uma alegria.

Na manhã seguinte recorremos ao *transfer* do hotel para a praia de Manuel António. Mal colocávamos o pé em terra, vinham uma série de guias oferecerem-se para nos conduzir através do parque natural, mas pedindo valores exorbitantes por cabeça - 100 USD; claro que os óculos e os binóculos que transportavam eram Zeiss, Swarovsky ou Leica ... vive-se bem, estamos na zona mais visitada pelos “camones”, o dólar sai-lhes facilmente do bolso. Não houve guia para ninguém e sempre que havia um magote de gente na floresta/praias lá estávamos nós a olhar para a fauna, mas com os nossos binóculos Nikon e fazendo umas fotos, assim descobrimos uma malcheirosa preguiça (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bicho-pregui%C3%A7a>) pendurada numa árvore.

O calor e a humidade era muitíssima, nós que já nos tínhamos esquecido do clima à chegada às Caraíbas, sufocávamos, até que decidimos estacionar numa bela praia e pormo-nos de calções/fato de banho.

Como ir de viagem é para nós um processo com 3 partes, o antes, o durante e o depois fomos tão bem informados quanto possível, com mapas e alguns livros que tinha pesquisado na Internet, por isso estranhámos o à vontade com que o pessoal estava espojado na praia, indo todos para um banho caldoso no mar, em grupo, abandonando os pertences à sua sorte; tínhamos dois diferentes protagonistas, os macacos capuchinhos ([http://en.wikipedia.org/wiki/Capuchin\\_monkey](http://en.wikipedia.org/wiki/Capuchin_monkey)) que faziam raids e marchava tudo, desde comida até à caríssima máquina de filmar, a recuperar eventualmente em peças separadas, os outros “rapazes” com uma perícia e um jeitinho de mãos (patas dianteiras, melhor dizendo) impressionante, os guaxinim (<http://en.wikipedia.org/wiki/Raccoon>), chegavam nas calmas mesmo estando nós sentados ao lado da mochila ou carteira, abriam-nas com todo o cuidado, metiam a pata lá dentro e eis que lá vinha um saquito de sandes acabadinhas de fazer, que de seguida também abriam criteriosamente, depois afastavam-se alguns metros e iniciava-se o banquete. Dado que todos estes rapazes têm uma cremalheira bem afiada, não seria boa ideia, tentar à força, retirar-lhes aquilo onde já tivessem posto a “luva”, assim uns espanholitos ficaram primeiro sem as bananitas e mais tarde foram todas as “sanduelas”, temos pena !

Depois da praia não nos apeteceu continuar a caminhar pelo parque, voltámos à rotunda da praia e aí abancámos num *chiringuito* a beber uns enormes sumos naturais de melancia e ananás. Já aí tínhamos estado de manhã a comprar água e umas sandes para o almoço. Chegou entretanto o nosso *transfer* de volta para o hotel.

Quer no 1º. quer neste 2º. dia, terminámos na piscina do hotel quase até à noite.

Dia seguinte, *transfer* de manhã cedo e lá fomos por kms infundáveis de estradas em obras, picadas seria o nome correcto, que frequentemente atravessavam rios, que nascem nas montanhas interiores, por pontes de ferro muito velhas e em mau estado de conservação, com uma só faixa de rodagem, algumas horas depois meteríamos para o interior e subiríamos a montanha, almoçando num restaurante

de estrada com vista para os vales do lado da costa, munido de vários alimentadores para colibris. O almoço era *self-service*, comida típica de montanha, muito boa e quentinha, lá fora estava mesmo muito frio, deveríamos estar quase a 3.100 m de altitude, qual clima tropical ! Mais à frente passaríamos o Cerro de la Muerte, um cume envolto em névoa com 3.491 m, assim denominado porque no passado, alguns dos agricultores que o tentavam cruzar para ir vender os seus produtos a S.José morriam congelados.

## **SAN GERARDO DE DOTA /Cerro de La Muerte** (num vale do interior montanhoso a 2.500m de altitude)

No Trogón Lodge, os *bungalows* e os edifícios de apoio dispunham-se como que em presépio ao longo do vale, envolvidos por uma floresta lindíssima, passareiras em pedra ligavam as diferentes áreas e davam acesso a diversos caminhos, monte acima.

*Trogonidae* é o nome de uma família de aves a que pertencem os *Quetzal* e os *Trogóns*, destes últimos o *Trogón* de cauda escura (cinzento ardósia) é o pássaro nacional da Costa Rica ( <http://en.wikipedia.org/wiki/Trogon>

Rios de montanha com água cristalina e gélida, uma chuvada monumental à chegada, nevoeiro, enfim, bom para estar no *bungalow* duplo com dois quartos e uma área comum com cadeiras normais e de baloiço com vista sobre um lago repleto de grandes trutas e com um mirante numa espécie de península.

Estávamos nós a olhar para o lago, chovia que se fartava, e qual não é o espanto quando vimos um jovem de *anorak*, de guita na mão, a fazer lançamentos desta para dentro do referido lago, puxá-la, voltar a lançá-la até que começaram a vir umas belíssimas trutas agarradas; pensámos nós, está a chover, toda a gente está recolhida e o gajo está a dar a palmada nuns peixitos. Mais tarde quando fomos jantar, o menu incluía carne e de peixe – truta, era o cozinheiro que andava a pescá-las ! Aí conhecemos o barman, no fundo o dinamizador daquele espaço, o Cristobal com a sua pronúncia de um castelhano quase cantado, sempre simpático, sorridente, sempre disponível para nos dar ideias sobre o que fazer, a quem demos carta branca para nos preparar um cocktail para cada um, conforme a sua inspiração e aquilo que ele pensava ser do nosso agrado, limitámo-nos a dar a dica se queríamos que tivesse ou não álcool.

No dia seguinte o tempo estava ótimo, percorremos caminhos por entre a floresta, atravessámos algumas pequenas pontes, visitámos o sítio à volta do *lodge* onde vimos algum artesanato. Antes, de manhã cedo, fomos com um guia uns kms para além do *lodge* e mais para o interior, à procura do famoso *Quetzal* ( <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quetzal> ), uma das aves emblemáticas da Costa Rica, conseguindo ver duas fêmeas e um macho, este com uma longa e lindíssima cauda.

Por estas bandas existiam uns enormes tanques no rio onde se criavam trutas, era impressionante a quantidade de abutres negros estacionados à volta sempre à espera de caçar o peixe que se aproximasse mais da superfície; é evidente que acabavam por se molhar, depois colocavam-se ao sol de asas abertas a secar as penas.

Dormimos sempre com um aquecedor a gás ligado, se de dia não estava muito calor, as noites eram mesmo frias.

O já nosso amigo Jorge Morales, que nos tinha transportado até lá, foi-nos buscar na manhã seguinte e levou-nos de volta para S.José, não sem antes visitarmos o vulcão mais alto da Costa Rica, o Irazú (3.432 m) ( [http://en.wikipedia.org/wiki/Iraz%C3%BA\\_Volcano](http://en.wikipedia.org/wiki/Iraz%C3%BA_Volcano) ) com um lago verde vivo na cratera principal, por onde andámos a pé sobre *malpaís* (cascalho vulcânico) e cinzas. Sentimos a altitude, o cheiro a enxofre pairando no ar, e algumas nuvens de vapor de água, depois um almocinho muito agradável pelo caminho.

Almoçámos num interessante restaurante sem janelas, uma verdadeira janela para um enorme vale onde corria um dos rios onde fazem *rafting*; a comida de bom preço, escolhemos pratos típicos ... bela carnhina de vaca.

Ainda visitámos na cidade de Cartago, a basílica de *Nossa Senhora de los Angeles*, já perto de S.José, onde se fazem grandes peregrinações de milhares de pessoas e se toma água junto à figura de *La Negrita*; aí avisou-nos para ter cuidado com os nossos pertences.

## S.JOSÉ (outra vez a capital)

Em S.José, como o Jorge tinha algum tempo e cultura geral com fartura, deu-nos uma volta pela cidade, deixando-nos junto ao Museu do Ouro onde ainda tivemos tempo para ver uma exposição itinerante sobre as ervas medicinais que as diferentes colónias de índios utilizavam e uma vasta colecção de peças de ouro pré-colombiano, interessantíssima. Também nos ensinou um pouco da história do seu país, o que ver no centro, que ruas evitar, a que supermercados ir comprar o melhor café.

Por falar em café, o governo obrigou os agricultores a plantarem somente *arábicas* (variedades mais aromáticas a que falta o corpo do robusta), desde a marca *Britt* (americana, muito conceituada e com garantia de qualidade) com café de diversas proveniências, o *Tarrazu*, de altitude e fantástico (o que mais gostei) ali das bandas do vulcão Poás, e outros como o que comprei em Monteverde, produzido localmente e de pequena produção, difícil de encontrar noutros sítios.

Falando no Poás ( [http://en.wikipedia.org/wiki/Po%C3%A1s\\_Volcano](http://en.wikipedia.org/wiki/Po%C3%A1s_Volcano) ), o Jorge disse-me que era bastante interessante visitá-lo e que dependia da hora do avião de regresso podermos fazer essa excursão no último dia. Como tínhamos de estar no aeroporto por volta das 14 horas, rapidamente falou com a sua empresa combinou um preço simpático e marcámos 7,30 da manhã seguinte para arrancarmos em direcção ao vulcão.

No caminho paráramos para provar uns licorzitos e ainda comprei mais café. O vulcão metido na floresta nebulosa, uma espécie de paisagem lunar, borbulha, fumega, arrota. Vimos também uma família de coatis, adultos e crias bebés muito activas. Em todas as paragens o Jorge ficava sempre de olho na carrinha, pois a oportunidade faz o ladrão! Violência fora das grandes cidades, não é habitual.

Descemos depois e parámos noutro excelente restaurante, voltámos a comer os pratos típicos muito bem confeccionados e bebemos enormes sumos naturais, depois deixou-nos no aeroporto, onde apanhámos uma seca, para além do *overbooking* da ordem.

A Ibéria não é uma companhia simpática, enchem os aviões até não caber uma formiga, o que para uma viagem de 11/9 horas é um delírio; as hospedeiras desapareciam mal serviam a parca comida e tentavam logo fechar a luz para o pessoal não chatear, depois havia que procurá-las e lá nos serviam um copito de água com ar de incomodo. Como seria de prever o *catering* Costa Rica/S.José-Madrid é bem melhor que no sentido contrário.

Foi uma viagem memorável em que tudo correu bem, encontrámos pessoas maravilhosas, que se distinguiram não só pelo excelente serviço prestado, como pelo empenho e amizade com que nos proporcionavam umas férias inesquecíveis.

Se pudermos voltaremos um dia ... repetiríamos alguns troços que não tivemos tempo de ver bem, visitaríamos outros pontos, desde as praias de surf no Pacífico na zona de Guanacaste, a península de Nicoya, a península de Osa (é tudo bem caro por aí) abaixo do Manuel António, onde existem muito poucas infraestruturais e a floresta é mesmo um santuário para algumas espécies, nomeadamente o emblemático jaguar e claro, visitaríamos o lado das Caraíbas, mais a sul, para os lados de Limón-Cahuita, onde se nota uma forte influência Jamaicana.

Parques Nacionais, Reservas áreas protegidas, é quase todo o território deste país, o único no mundo que aboliu as forças armadas.

Foi para nós uma enorme alegria, participarmos no aniversário dos 50 anos do Hartmut, sentimo-nos em casa, assimilámos como os europeus podem ser bem mais felizes por aqui, apesar claro, dos ordenados serem bem mais baixos.

O modelo de viagem foi perfeito, se integrasse um pouco mais de selva e algum acampamento, mais um par de dias seria o êxtase total; as víboras e cobras que não vimos, apesar de existirem pelo menos mais de 120 espécies diferentes, das quais 26 das mais venenosas do mundo são mais visíveis na época das chuvas altura em que saem das florestas e chegam a tentar meter-se nas casas; o Hartmut, quando fez o seu *lodge* em Samay Lagoon viveu no meio delas e não era raro, enquanto não colocaram

redes nas janelas e portas, acordar com uma coral ( [http://en.wikipedia.org/wiki/Coral\\_snake](http://en.wikipedia.org/wiki/Coral_snake) ) ou uma fer-de-lance ( [http://en.wikipedia.org/wiki/Bothrops\\_asper](http://en.wikipedia.org/wiki/Bothrops_asper) ) debaixo da cama, para além de uma enorme boa constritora ( [http://en.wikipedia.org/wiki/Boa\\_constrictor](http://en.wikipedia.org/wiki/Boa_constrictor) ) que era sua vizinha.

Quanto ao equipamento fotográfico - sacrifiquem-se, carreguem uma boa digital, um zoom 16-85mm e um outro zoom 70-200mm f2.8 com um tele-conversor de x2, vários cartões de memória (fiáveis, por exemplo Sandisk, nada de marcas brancas), um disco duro portátil para descarregar os cartões, um bom flash, um tripé robusto (no mínimo um manopé, que se tiver a função de bastão para *trekking* é bastante simpático - Gitzo), material de limpeza, e claro, há que proteger o equipamento do clima !

O mapa com o nosso itinerário e referência aos *lodge* e hotéis onde ficámos, exceptua-se La Fortuna que fica do lado direito do vulcão assinalado (Arenal).

